

Capítulo 1

Salvador, junho de 1989.

Naquela manhã fria, Malena estava em seu escritório. Sentada em uma cadeira revestida em couro de tons claros e laterais largas, o acabamento sofisticado da peça dava a impressão que o móvel a abraçava.

Vestia um *tailleur* de lã fria na cor cinza. O corte impecável denunciava a sofisticação da mulher. O blazer tinha ombreiras marcantes que projetavam autoridade, enquanto desenhava sua silhueta esguia. Por baixo, uma blusa de seda marfim com gola laço quebrava a rigidez da alfaiataria.

Seus cabelos soltos, caíam em ondas volumosas sobre o ombro, a maquiagem suave na face denunciava o cuidado com o corpo.

Na sala, uma mesa de madeira na cor mogno, projetava-se em direção ao meio da sala, acompanhada por quatro cadeiras de cada lado, dispostas para reuniões com clientes.

Malena ocupava a cabeceira, ao fundo. Armários e aparadores no mesmo estilo da mesa completavam a mobília, o teto rebaixado com luzes fluorescente embutidas e na parede atrás de si uma estante repleta de livros que era iluminada por canhões de luzes que se projetavam do forro.

Vasos de plantas e arranjos de flores ficavam sobre os móveis, trazendo suavidade ao ambiente.

Ela levantou e caminhou pela sala, o roçar do tecido em suas coxas, produzia um som que acompanhava os movimentos da saia lápis, que terminava logo abaixo dos joelhos. Ao parar, jogou os fartos fios para trás com um leve movimento de cabeça. Preocupou-se, olhando para o vazio.

Ao voltar a realidade, vislumbrou o próprio reflexo no vidro da porta, emoldurado pelo corte perfeito da sua roupa. Pensou no tempo que corria: os trinta anos chegara, mas ainda estava inteira, sensual e bonita. Sentia um aperto no peito ao admitir que o marido já não a procurava fazia algum tempo. Aquele fogo de outrora no coração por ele estava se apagando. Era urgente, precisava reconstruir a vida ao lado de Ricardo; afinal, como seria seu futuro sem amor? Sentia uma necessidade profunda de ter alguém para compartilhar a rotina. Divorciar ou traí-lo, mesmo tendo quase certeza de que ele fazia, nunca fez parte de seus planos.

Decidida a tentar uma aproximação, pegou o telefone e discou. Quando ele atendeu, ela forçou um timbre descontraído:

— Oi, tudo bem? Quer almoçar comigo hoje? — perguntou animada com um sorriso se alargando no rosto. Do outro lado da linha, porém, a resposta veio seca e direta: — *Não posso. Tenho audiências no fórum a tarde inteira.*

Ao desligar o telefone ela ficou ali, digerindo a rejeição, até que a porta se abriu. Era Verena, estagiaria e assistente de Malena.

— Não se esqueça de que você tem uma audiência no fórum às 13h30 — disse Verena, colocando uma pasta de processos sobre a mesa.

Verena, era prima do seu marido e vivia encangada com Malena como se fosse o terceiro olho dele.

— Obrigada, Verena — respondeu, tentando disfarçar o desânimo.

Chegou até a janela de vidro e puxou a persiana para o lado. Contemplou a rua fervilhar lá embaixo. Consultou o relógio: Era 12h20, faltava pouco mais de uma hora para a audiência no fórum. Decidiu ir de uma vez.

Antes de sair, chegou até a sala de sua assistente para chamá-la, mas ela tinha saído para o almoço.

Malena sabia, sair sozinha não era uma atitude aprovada por Ricardo, mas resolveu desafiar.

Como o trânsito soteropolitano era caótico naquele horário, preferiu deixar seu carro e pegar um táxi.

O veículo seguia pela Avenida Joana Angélica. Já perto do seu destino final, no último cruzamento, Malena ouviu um estrondo no fundo do taxi, um solavanco a lançou primeiro para trás e depois para frente. Ela gritou involuntariamente de medo e susto. Uma onda de tensão tomou conta do seu corpo. O motorista parou bruscamente e ao sair notara que outro taxi tinha colidido com o para-choque traseiro do seu veículo. Foi um choque leve, sem risco para os ocupantes. Apenas amassou os para-choques. Malena ainda tremia quanto desceu rapidamente do carro, pagou a corrida e decidiu seguir a pé, o fórum já era visível.

O passageiro do outro táxi também desembarcou. Era um rapaz de feições jovens, alto, de ombros largos, cabelos negros e olhos castanhos. Vestia uma camisa social bege com as mangas dobradas nos pulsos, calça preta justa, cinto e sapatos de couro preto. Ele caminhou direto na direção dela, com o semblante preocupado.

— Senhorita, está tudo bem? A senhorita se feriu?

Ao ouvir o chamado, Malena, foi levantando lentamente o olhar enquanto decifrava cada parte do ser parado diante dela, observou primeiro os sapatos, a calça e a camisa com as mangas dobradas. A luz dos seus olhos capturou a face do rapaz que buscou imediatamente os seus olhos. Paralisou-se diante de tudo que se via, no peito o músculo cardíaco deu uma leve cambalhota, e acelerou. O coração falou primeiro que a mente. O rapaz era encantador. Bloqueou imediatamente aquele pensamento.

— Está tudo bem..., mas.... é senhora — corrigiu ela, sustentando o olhar.

— Desculpe, senhora. Pela sua aparência tão jovial, pensei que não fosse casada — justificou ele, com uma voz firme. Um calafrio percorrer a espinha de Malena.

— Não foi nada, só o susto mesmo. Vou andando, meu destino é logo ali na frente. — O incidente ainda deixara sua voz levemente tremula.

Ela começou a caminhar, atravessando a rua. O jovem continuou parado, observando-a se misturar à multidão. Antes de sumir completamente, Malena não resistiu: olhou para trás para ver se ele ainda a observava. Ele estava lá parado. Com as bochechas levemente coradas, ela baixou a cabeça, deu um sorriso discreto e seguiu seu caminho.

O jovem continuou com os olhos fixos na rua, observando Malena até que ela sumisse no turbilhão de pessoas.

— Cadê a moça? — perguntou o taxista, interrompendo seus pensamentos. — Ela esqueceu esta pasta aqui dentro. Você a conhece?

O rapaz hesitou por um segundo, processando a pergunta, antes de responder com firmeza:

— Sim. Deixe comigo, vou entregar a ela.

Ele pegou os documentos e apertou o passo. Com suas pernas longas, desviava-se dos transeuntes com a agilidade de um felino. Graças às suas passadas largas, logo a avistou mais à frente, já bem próxima da entrada do imponente e antigo prédio do Fórum Ruy Barbosa.

— Senhorita! Senhorita! — chamou ele, sem precisar gritar.

— A sua pasta!

Ao ouvir o chamado, Malena reconheceu imediatamente o timbre firme daquela voz. Olhou para trás e viu o rapaz acenando para ela. Seu coração descompassou novamente por um instante. Quando ele se aproximou, ela pôde notar ainda melhor o porte do rapaz: o rosto exalava uma jovialidade tenra, mas o semblante transmitia a força de um homem decidido.

Ele diminuiu o ritmo ao alcançá-la, estava um pouco arfante.

— A senhora esqueceu a sua pasta no táxi — disse ele, estendendo o objeto.

Malena sentiu-se completamente desarmada diante dele. Havia anos que não olhava para nenhum homem com segundas intenções. Com o rosto corado, soltou um riso sem graça, sem saber direito como reagir. Por longos segundos continuava a rir sem conseguir parar, olhava para baixo e para os lados sem coragem de encará-lo.

— Obrigada! Muito obrigada mesmo... você salvou a minha audiência. Sem essa pasta, o prejuízo para o meu cliente seria enorme. Como posso te recompensar?

O rapaz esboçou um sorriso elegante e sedutor.

— Bem, pode me pagar um café. Que tal?

Malena recuou um milímetro, a realidade dela era dura.

— Não posso... sou casada e minha audiência começa em poucos minutos.

Ele riu de forma descontraída, desfazendo a tensão. — Foi só uma brincadeira, não precisa se preocupar. Mas, se em algum momento repensar a resposta, eu faço questão de pagar o jantar.

O jovem enfiou a mão no bolso e retirou um cartão de visitas, estendendo-o a ela. No papel texturizado, lia-se: Gerard da Silva Moreau - Instrutor de Programação de Computadores.

Malena pegou o cartão e o guardou na bolsa com cuidado.

— Preciso ir, o meu horário está em cima — despediu-se, com a voz um pouco trêmula.

Ela se afastou em direção à entrada, mas a gravidade daquele encontro a puxou de volta. Por duas vezes, olhou por cima do ombro antes de cruzar os grandes portões do fórum. E, nas duas vezes, Gerard continuava estático até que ela desaparecesse completamente no interior do prédio. Ele próprio não compreendia a sua ousadia; nunca tivera coragem de encarar uma mulher tão linda daquela forma. A imagem dela ficara cravada em sua mente. Lembrou-se dos olhos azuis, que mais pareciam o mar da praia da Barra em dias calmos de verão, dos cabelos fartos e acobreados, dos lábios finos e do rosto delicado. Seu coração batia forte, em um ritmo acelerado, como se ele tivesse acabado de cometer um crime grave.

Nem sequer sabia o seu nome, pensara. O mais provável era que jamais a veria novamente. Pelo porte e pela elegância, certamente era mulher de

alguém muito rico. "*Não tenho a menor chance*", pensou, sentindo o peso da realidade. Como seria se, por algum milagre, ela resolvesse ligar? Riu de si mesmo, achando graça da própria ilusão.

Seu destino final era um pouco distante, na Avenida Sete, mas ele resolveu seguir andando. Ainda dava tempo de chegar para a sua turma das 14h. Durante todo o caminho, porém, sua mente simplesmente não conseguia se desconectar da mulher do táxi.